

Da minha biblioteca

Curt'os Contos de Paulo Moreira



Adriana Nogueira

Classicista
Professora da Univ. do Algarve
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Literatura, Teatro,
Música e Ciência

Estas são as áreas pelas quais Paulo Moreira «reparte os seus interesses intelectuais», como nos diz na badana, na nota de apresentação. E este livro é uma boa mostra destes interesses, pois, de alguma maneira, revela como cada um deles faz parte da sua vida (e desde cedo, dado que esta é uma obra de juventude).

A Literatura está explicada por si mesma, pela própria existência da obra. Aqui se fazem experiências a vários níveis (principalmente surrealistas, mas não só), aqui se testa a capacidade de recriar estilos, de misturar géneros. No primeiro conto (por uma questão de prática, vou chamar-lhe assim), há uma espécie de explicitação de intenção: «Escrever é um mito – como me rio de tentar recusar o que a mente me obriga! – decidi-me escrever. Decidi-me inventar as palavras que foram inventadas, resolutivo nesta guerra de fazer novas frases, neologismos pegajosos

Não, não é uma gracinha minha nem é engano. É apenas o título bem-disposto do último livro de Paulo Moreira. Publicado pela Lua de Marfim no passado mês de outubro, foi escrito há quase 30 anos, tendo sido distinguido, em 1987, na 1ª Mostra Portuguesa de Artes e Ideias. O júri de então, constituído por relevantes nomes da literatura portuguesa (Agustina Bessa-Luís, Dinis Machado, Maria Ondina Braga, Fernando Dacosta e José do Carmo Francisco), recomendou a sua publicação. A vida deu muitas voltas e só agora essa publicação – em boa hora – aconteceu.



Paulo Moreira reparte os seus interesses intelectuais pela Literatura, Teatro Música e Ciência ||

(nem sei porquê), amontoados de sílabas ligadas desligadas de outros trens de letrinhas, como barco que busca o seu porto. Transformar as palavras em mar e afogar-me em deleites de sons e seus ritmos embarcando em aventuras imateriais, já voando em círculos infernais, rindo louco de inventar novas regras, sofregar nas entranhas da tinta, sucumbir (quem o sabe) sob as cinzas de folhas, já não ser no momento seguinte, mas voltar quando o tempo acabar».

A Música: o poeta,
o compositor e o cantor

Paulo Moreira não se apresenta, normalmente, como poeta. Muito menos como compositor ou cantor. Alguns conhecem a sua faceta de declamador (como homem do teatro, a sua voz bem colocada tem merecido os maiores elogios de quem o ouve), mas poucos saberão que escreve, compõe e também canta. E que tem um sucesso que é tocado por vários coros: «Se eu fosse um barco de Aveiro» (ou apenas «Barco de Aveiro» como é conhecido pelas tunas universitárias). Procure na Internet e vai poder apreciar diversas versões (algumas já dos anos 90 do século passado). Poderá até encontrar alguma daquelas em que o próprio Paulo está a cantar.

Este livro tem música na poesia. É com um poema que começa:

*Os sonolentos caminhos de
pedra rasgados por mãos de-
sejosas
Suavíssimas visões de infernos
repletos de luz
Cavaleiros rimaços de dados
debruçados em cantos de mim
Tudo isto retalhos de prosa
Casarios de gente parada
São adagas que voltam no
tempo
São imagens que foram
criança
Estão cravadas em mentes
assim*

E com um outro termina:

*Surdo motor posto em passos
de aranha
Imagem tão nítida de triste
percalço
Disforme balido da nossa ino-
cência
Inútil recado sentido na pele
Amor balançado em imagens
de luz
O sono desperta e voltamos
aqui*

Pelo meio, a poesia acontece. No conto «Loucura», que está dividido em três partes, duas delas são de poesia. A epígrafe de Erasmo de Roterdão dá-lhe o tom: *À medida que se afasta da loucura, o Homem vai deixando de viver.*

A poesia pontifica igualmente na abertura da segunda parte do livro (a primeira é a que se chama, precisamente «Curt'os Contos»), intitulada «Extratexto»:

*Espuma que cai sobre esferas
de aço
Imagem de nesga envolta em
abraço
Disforme pedaço
Escrita profunda de louco en-
xame
Tecido de conchas suspenso
em arame
Quem há que me ame?*

Teatro

A sua faceta ais conhecida é a de ator, encenador e autor de teatro. A sua capacidade para criar ambientes, desenhar espaços, apresentar personagens e criar diálogos está aqui bem demonstrada. São fragmentos que, quem sabe?, um dia poderão fazer parte de um todo. Fica o exemplo do conto «Três Modos de Falar»:

O seu tom de voz era imperioso. O subalterno já não se atrevia a contestar o superior, de modo que começou a arrumar os seus papéis e a guardá-los na pasta, aguardando unicamente as ordens que iria cumprir.

– Está compreendido?
– Sim, chefe.
– Fã-lo.

Apoiou os cotovelos na secretária e juntou as mãos como se

estivesse a rezar. Observou bem os olhos do outro e leu neles tantos sentimentos de ódio, dor e desespero que quase não conseguiu evitar sentir pena daquele desgraçado.

Então, quase em surdina disse:
– Falas?
– Falo.

A professora caminhou ao longo da sala de ponteiro na mão, e observou atentamente os rostos embaraçados dos seus alunos. Subiu os degraus do estrado e depois de esperar que todos os olhares estivessem sobre si, perguntou:

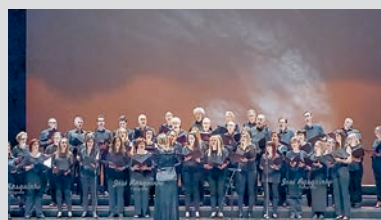
– Então, já ninguém se lembra de qual é a outra designação que se pode usar?

– Eu sei...
– Diz lá.
– Falo.

A Ciência

A formação académica inicial de Paulo Moreira é em Ciências Físico-Químicas. Estando ainda a estudar na faculdade na época em que escreveu esta obra, compreende-se a fonte de inspiração do conto «Física da Matéria Condensada». Muito onírico, a roçar o pesadelo (o desespero de se querer chegar a um lugar e não se conseguir, os sítios do costume estarem desertos e parecerem irrealis...), a história brinca com o nome desta área específica da Física, de modo a conseguir um final inesperado: «Entrei então para o outro e dispus-me a não deixar escapar a única pessoa que até agora encontrara. Chegado ao quinto andar, o outro elevador estava vazio. Pus-me então a gritar: «Está aí alguém?» Silêncio. «Está aí alguém?» Foi aí que se assomou à porta duma sala, que até então estivera fechada, o porteiro. «O que é que quer?», perguntou com um ar consternado. Dirigi-me para ele e foi então que percebi tudo. No chão da sala jaziam amontoados os meus colegas e o professor. Mortos com uma overdose de Matéria. Condensada».

São contos curtos que se leem com prazer e divertimento. Curta estes contos.



"CONCERTO DE NATAL"

11 DEZ | 21.00 | Igreja Matriz de Olhão

O Coral Luísa Todt traz à cidade cubista alguns dos temas tradicionais desta quadra, como Natal de Évora, Natal de Elvas (Mário Sampaio Ribeiro), O Tannenbaum (Ernst Anstchutz) e Belle nuit de Judée (Johannes Brahms), entre outros



"OLHARES LACOBRIGENSES"

Até 30 DEZ | 21.30 | Fototeca Municipal de Lagos

O paradigma fotográfico vai mudando por força da evolução tecnológica e das abordagens diferentes que ela permite, a par das novas intuições sobre comunicação por imagem